

a vítima

HISTÓRIAS QUE VIRAM DOR PARA SEMPRE

Dor silenciosa. Ferida que custa a sarar. O abuso sexual afeta crianças em todo o Estado de Pernambuco. Crime que mexe com vítima, com quem denuncia e até com o agressor. É o que mostra a série de reportagens *Infância Perdida*, de Fabiana Maranhão, Sofia Costa Régo, Vanessa Beltrão e Vanessa Cortez. O projeto que deu origem ao trabalho venceu o 5º Concurso Tim Lopes de Jornalismo. As imagens são de Hélia Scheppa.



Fim de semana. Ana, 15 anos, vive o pai se aproximar de casa. Mais uma vez, ele está bêbado. A adolescente fica nervosa e sai. Corre sem rumo e só para quando o fólego não a deixa mais seguir em frente. Ela espera em meio à caatinga. Os segundos viram minutos e depois horas. A noite chega. Ela está em dúvida se deve ou não sair daí. Sai. Olha para todos os lados. Não vê nada. O percurso até a casa da tia parece longo. O coração acelera quando passa perto do local onde vive. Mas as luzes estão apagadas. Ana segue direto até a casa da tia. Mais uma vez, nada aconteceu.

Durante cerca de um ano, Ana, hoje com 23, lutou para que "nada acontecesse", mas não foi fácil. Confessa que houve um momento em que faltaram forças. Antes disso, decidiu denunciar o pai por tentativa de estupro. "Não estava aguentando o que ele fazia. Se eu não denunciasse, ele tinha conseguido o que queria

Ara é o nome fictício de uma personagem da vida real. Histórias como dela, de abuso sexual contra crianças e adolescentes, multiplicam-se por todo o Estado. Um crime que vai além do estupro. Engloba qualquer ato de conotação sexual, como carícias e beijos. Por isso nem sempre dava marcas no corpo.

As meninas são as mais afetadas – aproximadamente 80% dos casos – embora os meninos também sejam vítimas. Um crime que não escolhe classe social. "Entre as camadas menos favorecidas, há maior índice porque a vizinhança se encarrega de denunciar, mas também existem vários desses crimes praticados no meio da classe média, da classe alta", revela a promotora Delane Barros, do Ministério Público de Pernambuco (MPPE).

Dado do Disque-Denúncia estatal e do Disque 100, serviço nacional que registra queixas de violência sexual, mostram que, em até 35% dos casos, o agressor é um parente ou vive na mesma residência que a vítima.

Em 2009, a Secretaria de Saúde de Pernambuco registrou 310 casos de violência sexual contra crianças e

adolescentes no Estado. Já os números da Gerência de Polícia da Criança e do Adolescente (GPCA) revelam 625 notificações de abuso sexual no mesmo ano. Mas especialistas na área garantem que a quantidade é bem maior.

"Esses números estão subnotificados porque a polícia especializada não está descentralizada. Não temos nem delegacias regionalizadas. A única delegacia de proteção está no bairro da Madalena (Recife). Outra passou a funcionar agora em Paulista (Região Metropolitana), o que não é nada tendo em vista os 184 municípios pernambucanos mais Fernando de Noronha. As pessoas que estão no Sertão, por exemplo, não têm fazer denúncia na capital", critica Valéria Nepomuceno, coordenadora do Centro Dom Helder Câmara, organização que atende e acompanha crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual e suas famílias.

Valéria Nepomuceno acredita que, para se conhecer e combater um problema, é preciso ter a real dimensão dele. "Quando a gente vê que os números estão aumentando, a sociedade se emprenha mais, o poder público se mobiliza para discutir políticas públicas para enfrentar o problema. Se você não tem o quadro real do problema, como é que você se organiza para enfrentar?", questiona.

MARCAS

O abuso sexual traz consequências físicas e psicológicas que podem levar até à morte. As crianças e os adolescentes geralmente têm dificuldade nas relações pessoais, ficam agressivos, com medo, inseguros e apresentam comportamento precoce para a idade em relação à sexualidade. As vítimas também podem apresentar inquietação, desobediência, introspecção e até fobia social.

Para os pais, é doloroso aceitar o fato. "Quando o médico me falou que havia tido um abuso, me deu muito. Eu perguntava: 'Por que não em mim?' A gente nunca acredita que pode acontecer com a gente. Quando aconteceu, foi um choque, eu chorava dia e noite", lembra a mãe de uma menina de 3 anos que contraiu uma doença sexualmente transmissível (DST) após ser abusada. O pai é o principal suspeito e nunca marcas no corpo.

De acordo com a psicóloga Vicentina Barbosa, as famílias se sentem inseguras e se culpam pelo que aconteceu, por isso também precisam de tratamento. "Quando se tem uma situação de violência na família, todos são afetados de alguma maneira. O atendimento aos familiares favorece a busca de novas soluções para que a vítima possa retornar às atividades normais da sua vida", explica.



ALVO Meninas de todas as classes sociais são as principais vítimas do crime, cometido por alguém próximo

entrevista » Agricultora

"Eu não tinha mais forças"



JC – O que você sente quando lembra do que aconteceu?

AGRICULTORA – Me sinto triste, prefiro não lembrar. Isso me deixa muito triste.

JC – Quando foi que aconteceu?

AGRICULTORA – Eu tinha 15 anos. (Silêncio)

JC – Quanto tempo durou?

AGRICULTORA – Euaguei isso durante quase um ano.

JC – O que seu pai fazia?

AGRICULTORA – Ele vinha no meu quarto no fim de semana, depois de beber. Colocava as mãos nas minhas partes, me agarava e eu tentava fugir. Já chegou a me ameaçar com uma faca. Eu dizia que podia me matar que eu não deixava ele fazer nada comigo.

JC – Como você fazia para fugir dele, já que vocês moravam na mesma casa?

AGRICULTORA – Quando eu sabia que ele tinha ido beber, eu ia para a casa da minha avô e das minhas tias. Mesmo assim, ele ia atrás de mim. Teve uma vez que fiquei no mato esperando ele dormir para poder ir para casa da minha tia.

JC – Qual foi a reação dele quando soube da denúncia?

AGRICULTORA – Ele chegou a me ameaçar, depois ameaçou minha tia e a família inteira. Dizia que eu e minha tia morreríamos primeiros. As vezes, ele passava por aqui de espaldar.

JC – Você tinha vontade de denunciar?

AGRICULTORA – Tinha, mas sentia vergonha de falar sobre isso, mesmo para a minha mãe. Só tive coragem de dizer para minha tia.

JC – E o que aconteceu?

AGRICULTORA – Começaram a surgir comentários na comunidade. Quando outras pessoas souberam, começaram a dizer que era mentira minha, que eu queria incriminá-lo. Passei por mentirinha. Fui até que decidí denunciar. Não estava aguentando o que ele fazia. Se eu não denunciasse, ele tinha conseguido o que queria porque eu não tinha mais forças.

Foto: Hélia Scheppa/JC Imagem

» SAIBA MAIS

Registros

80%
das vítimas de abuso são meninas

35%
dos casos têm como agressor um parente ou alguém que vive na mesma casa da vítima (pais, padrastros, tios, avós e irmãos)

310
casos de violência sexual contra crianças e adolescentes foram registrados em 2009, de acordo com Secretaria de Saúde de Pernambuco

625
casos de abuso sexual foram notificados no mesmo ano pela Gerência de Polícia da Criança e Adolescentes (GPCA)

Sinais do abuso

Físicos

- » Distúrbios alimentares
- » Dor de cabeça
- » Dores de barriga
- » Crises de asma



» Corrimento vaginal, hemorragia vaginal ou anal

» Ardor ao urinar

» Corrimento através da uretra

» Dor constante na vagina ou no ânus

» Inflamação dos genitais

Psiquicos

- 1 Perda de confiança nela própria, no agressor e nas pessoas do sexo do agressor
- 2 Sentimentos de culpa
- 3 Baixa autoestima
- 4 Vergonha
- 5 Agressividade
- 6 Dificuldade de aprendizagem
- 7 Dificuldade de concentração
- 8 Isolamento
- 9 Masturbação excessiva ou de modo exhibitionista
- 10 Atitudes e conversas sobre temas sexuais inadequados à idade
- 11 Pesadelos
- 12 Insônia
- 13 Medo de estar sozinho